

# Pacto anti-recessão ou história de fantasmas?

Jacó Bittar

**O** Brasil atola-se cada vez mais numa crise econômica por culpa exclusiva do regime político implantado entre nós em abril de 64. Regime que arrochou os salários o mais possível, deixou a inflação subir a níveis recordes na história econômica do país e perdeu o controle do custo de vida. Com a desorganização da economia, fica impossível qualquer planejamento sério.

Estamos em crise, é verdade. Mas não é uma crise de trabalho, porque os trabalhadores continuam trabalhando como nunca, fazendo horas extras para completar os salários miseráveis que recebem. Essa crise é resultado da desorganização dos empresários e do desgoverno pelo qual o país passa.

Vejam o que aconteceu na Volkswagen. Longe de buscar saídas para superar sua crise, a empresa vai logo demitindo 3 mil empregados e ameaçando os restantes com um "fantasma": o desemprego. Acho terrivelmente cínica essa política: desempregar 3 mil homens, provocando séria crise social, como forma de ameaçar o conjunto dos trabalhadores.

Segundo informações que tenho dos compa-  
nheiros de São Bernardo, a Volks despediu os empregados mais idosos, mas doentes, e, portanto, os mais necessitados do emprego que tinham, e possivelmente aqueles que mais dificuldades terão para encontrar um novo trabalho... É a mesma Volks que se anuncia no rádio como sendo uma empresa muito preocupada com a vida dos seus funcionários, e a mesma Volks que recentemente criou um novo sistema de representação trabalhista para esvaziar o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.

Mas nada disso é novidade, porque não é de hoje que as empresas exploram os trabalhadores, parecendo muito "boas" só porque dão a nós, trabalhadores, o "direito" de sermos explorados em suas fazendas, usinas, fábricas, escritórios, bancos, lojas etc... Diante da desorganização geral, os patrões e o Governo ameaçam paralisar a economia do país. Querem provocar uma recessão econômica, é o termo usado. Recessão é falta

de trabalho, falta de dinheiro, falta de bens necessários para a manutenção da vida como ela deve ser vivida. Vejamos só: dentro de um país tão rico, com um povo tão trabalhador, e diante de tanta necessidade a ser satisfeita, vêm os patrões e o Governo falar em recessão... Querem paralisar o crescimento econômico do país... É o fantasma para nos assustar. De forma alguma podemos aceitar a provocação do fantasma... Não somos crianças.

Nós, trabalhadores, não somos culpados pela incompetência do Governo e dos empresários que não sabem conduzir os interesses da nação como um todo. Na verdade, a economia é planejada exclusivamente para atender os interesses dos donos das empresas. E, na defesa do seu lucro, a única resposta que eles encontram diante da crise é: "Salvem os nossos", o que equivale dizer: "Os trabalhadores que se danem." Transcrevo aqui um trecho da nota que o Partido dos Trabalhadores (PT) divulgou dia 10/01 na reunião da CDNP em São Paulo sobre as recentes demissões de trabalhadores. "Nos tempos de vacas magras os patrões querem que os trabalhadores sejam os únicos a arcar com os prejuízos das crises econômicas que eles mesmos criaram, favorecidos por um regime político que só beneficia os poderosos à custa dos sacrifícios do povo. Se alguns setores privilegiados não estão mais conseguindo comprar ou manter os seus automóveis, que a indústria automobilística baixe os preços, reduza as suas taxas de lucro, diminua a remessa de dividendos para o exterior ou diversifique sua atividade econômica. O que não pode é jogar nas costas dos trabalhadores e do povo o ônus da sua ganância, da sua incompetência e da sua irresponsabilidade".

Diante da crise, como um pai que ameaça a criança desobediente com uma história de fantasma... "Se você não fizer... o fantasma vem te pegar"... o Governo e os patrões ameaçam o trabalhador com a recessão e o desemprego. Um "fantasma" que pode se tornar muito concreto com a gana empresarial diante do trabalhador que exige seu direito de organizar-se livremente, receber salário digno e influir nos destinos da nação. Com esse fantasma "na caixinha", eles nos propõem um pacto: garantem nosso emprego

desde que não façamos greve nem exijamos maiores salários. É isso que se vem lendo nos jornais.

Antes de mais nada, é preciso que se distinga "pacto" de "diálogo". Diálogo é uma condição prévia para qualquer pacto. A diferença que existe entre o diálogo e o pacto é a mesma que existe entre as fases da discussão e da execução num empreendimento qualquer. Acho muito bom conversar, mas sem estabelecer por princípio que será feito um pacto. O trabalhador sempre esteve disposto a conversar com seu patrão. Mas, tem um porém: acho muito difícil dialogar quando se tem sindicatos combativos sob intervenção do Ministério do Trabalho e dirigentes sindicais afastados de suas funções ou indicados na LSN. Seria um caso típico de diálogo do pescoço com a força. Fica muito difícil dialogarmos sem liberdade e autonomia sindical, sem direito de greve, sem garantia de emprego. Esse diálogo pode ser também, por parte dos patrões, uma tentativa de ganhar tempo na conversa, adiando assim a resolução de problemas fundamentais. Um diálogo desses seria um fracasso, pois os problemas adiados voltariam no futuro com maior dramaticidade.

Há ainda outra coisa que é preciso seja dita: se os patrões quiserem diálogo (vejam que não falo de pacto), é preciso que, de uma vez por todas, eles reneguem a tutela do Governo na condução dos seus negócios empresariais. Esse Governo que criou para os patrões o FGTS, roubando do trabalhador a estabilidade no emprego, antiga conquista da classe operária. Governo que criou a lei antigreve e que arrochou salários manipulando descaradamente os índices de custo de vida. Será que os patrões vão renegar seu Governo "papai"?

Tenho, em tudo isso, apenas uma certeza: nada será dado de graça aos trabalhadores. Só nossa luta pode fazer valer os nossos direitos. Tenho certeza de que a classe trabalhadora continuará se mobilizando para conquistar tudo aquilo a que tem direito.

Jacó Bittar é presidente do Sindipetro de Campinas e secretário-geral do Partido dos Trabalhadores (PT).